

diante da biblioteca ela disse mais uma vez: - Silêncio! Chegamos!

A porta se abriu... Lembro que eu fui empurrada para dentro da sala e acho que fiquei um tem pão só olhando tudo, sem nada dizer. A professora junto com a “mulher” que lá trabalhava também ia explicando tudo, tudinho... Aqui estão os dicionários, as enciclopédias, os atlas... para vocês pesquisarem - dizia a tal mulher abrindo na letra C e procurando o nome CABRAL - Pedro Álvares Cabral grande navegador português, descobriu o Brasil... Eu ouvia aquilo tudo e ficava esperando uma história daquelas que minha mãe contava. Mas a mulher só explicava... - Aqui o significado das coisas. Querem ver, vejam: - Obediência

Fiquei olhando pra ela e lembrei que a conhecia de algum lugar, mas não conseguia saber de onde...

No catálogo de fichas ela foi mostrando e explicando... Era todo cinza; encostei a mão e vi que ele era frio e gelado, igualzinho as estantes, altas e distantes de mim. Lembrei da minha mãe que colocava os remédios lá no alto do armário para a gente não pegar. Aquela mulher fazia o mesmo com alguns livros. Ah! Os livros que eu tanto amava, era impossível pegá-los, só com a “ajuda” dela. Mas nem sempre o que os meus olhos pediam era o que suas mãos me davam.

- A visita terminou, disse a mulher para a professora. Fechamos os livros que folheávamos, voltamos para a fila. Olhei mais uma vez para a mulher e lembrei... Claro que já a conhecia. Ela tinha sido professora da minha irmã mais velha; tinha uma fotografia lá em casa. Engraçado... Minha irmã havia dito que ela não dava mais aulas por ser muito “nervosa” e ter algum distúrbio de comportamento. Então colocaram-na biblioteca! A porta bateu e eu fui a última a sair. Voltei muitas vezes àquele lugar. Posso até dizer que era uns dos meus lugares favoritos naquela escola. A biblioteca só perdia para o palco. Mas acho até que um era a continuação do outro. Eu não disse antes, mas agora vou dizer; eu estudei nessa escola do maternal ao segundo grau, sem nunca ter repetido um ano. Não era uma aluna ilustre, “CDF” como diziam, mas era uma aluna que estudava, dançava, representava e falava. Não sei onde estão os “CDFs” da escola hoje; acredito que estejam bem. Dos que eu me lembro eram mesmo geniais, mas não sei se seguiram o mesmo caminho que eu - acredito que não - pois pensavam bem diferente de mim. Lembro que eles gostavam de ler também; liam, liam muito, mas acho que o objetivo maior deles era ler para passar na prova, o meu não; quando eu lia alguma coisa eu queria entender, queria viver aquilo. Eu sempre quis ser co-autora e personagem da história. Lembro que as matérias que mais gostava eram história, geografia e literatura. Porque elas sempre com um Era uma vez... e eu aprendia aquilo tudo com todo o prazer. O sofrimento eu deixava para depois. E sofri muito para passar nas outras matérias; era preciso passar por elas para enfim conseguir o que eu queria.

muito gostosa e aberta para responder, perguntar, instigar as leituras de tudo. Acho que naquele dia eu comecei a respirar. Enchi os pulmões de ar e fui mergulhando lá no fundo. Voltei no tempo de menina, lembrei de minha primeira professora Tia Dora² que me fez ler a primeira palavra. Agora eu novamente aprendia a ler “nas entrelinhas” como diz minha fada.

Na verdade a gente aprende a ler todo dia. E eu? Claro, fui em frente, fazendo meus afazeres e acreditando neles. Direcionei todo o meu trabalho na faculdade para a biblioteca infantil, que gosto de chamar de “biblioteca Prazer”. Nela tudo é possível. As descobertas estão presentes a todo instante; todos que lá estão querem e não tem medo de descobrir, de aprender.

Um dia chegou o fim, mas a verdade era só o começo. Terminava a faculdade e começava minha busca. A busca por um lugar onde eu pudesse fazer a minha arte. Tinha a plena certeza que eu não queria viver colocando nomeações em fichas e arrumando livros em estantes. Queria compartilhar essas informações e emprestar esses livros. Eu sempre me questioneei sobre o lado humano do profissional, de como dar ao outro. Quis muito isso, esse contato, essa troca e tinha certeza que as histórias possibilitavam isso, pois elas falavam de coisas que acontecem com personagens mas que podem perfeitamente acontecer conosco. E quando ouvimos a palavra história lembramos logo de criança, das histórias ditas “infantis”.

E de tanto buscar um dia encontrei um lugar para “trabalhar”. Era, claro, uma biblioteca, mas especializada. Nada de crianças, nada de dramatizações, nada de escolas. Só que era uma biblioteca da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. “Não tinha prática, só teoria”. Alí estavam na minha frente o maior acervo de literatura infantil e sobre literatura infantil. Hoje eu sei que era isso mesmo que eu queria. Na verdade não tinha crianças, mas tinha livros para elas e sobre elas. E eu fui lendo tudo e aprendendo muita coisa, é claro. Principalmente que é importantíssimo o bibliotecário conhecer todo o acervo, mesmo que gaste muito tempo, pois esse tempo é ganho e não perdido. É impossível trabalhar com o que não se conhece. Por isso não dá para fazer alunos leitores senão somos professores leitores. No mesmo caso estão os bibliotecários. E foi nesse lugar que eu fiz mais uma descoberta: a “leitura prazerosa”. Ler para descobrir, para entender, mas também para se deliciar. Leitura era a palavra que mais se falava, mais se ouvia e escrevia. Leitura para oferecer sem obrigar, sem cobrar, dizia e mostrava pra gente “a comandante deste navio”³. E eu ia mais uma vez decifrando os enigmas. Agora eu entendia porque eu gostava tanto das

2 Dora foi a minha primeira professora numa escola no quintal da sua casa. Foi com ela que li pela primeira vez.

3 A comandante do navio era Eliana Yunes, que na época dirigia o Centro de Documentação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1989).

leituras da infância e tinha horror das leituras das "escolas" (digo escola e universidade). Nas escolas eu lia para responder questões de provas. Na infância eu lia histórias para responder perguntas minhas. Na verdade eu não só lia, mas também ouvia histórias contadas. A voz doce de minha mãe me fazia sonhar ser princesa. E foi aí que eu encontrei mais respostas. Abri um dia uma caixa de histórias adormecidas e técnicas tão conhecidas dadas a mim por um "casal mágico"⁴. Fui lendo uma a uma e guardando os pedaços dela dentro de mim. Cada dia eu pegava uma. Um dia era tristeza, outro alegria e no outro calor e frio.

Foi então que juntei minhas histórias com as histórias de "outros três", de algumas fizemos muitas e a soma delas todas demos um nome MORANDUBETÀ⁵ (que quer dizer muitas histórias em tupi guarani).

Mas a história não termina aqui; ela começa na trajetória de contar histórias para transformar o livro em livro vivo. A leitura saltava de minha boca e fui levada para um lugar PRALER⁶.

Durante algum tempo eu pensei que sonho nunca vira realidade. Eu me enganei. Pois vi muito sonho virar realidade. E foi com muito esforço, trabalho e vontade. Vi porão virar casa, projeto virar decreto. Vi gente chorando, sorrindo, lutando. Mas, o melhor de tudo é que mais um enigma eu desvendei, descobri de novo, (primeiro, que eu adoro descobrir, pois é para ver o que estava escondido) agora que leitura é a própria vida. Pois, quando eu leio, eu estou vivendo, vendo, desvendando. E também porque leitura não está só lá dentro de escolas, bibliotecas e universidades. A leitura está primeiro dentro de nós. Nós somos todos sabedores, sem precisar de títulos, nomes e sobrenomes. Precisamos de sensibilidade, de olhares, para decifrar as receitas teóricas inovadoras. Não há nada de novo, meus olhos é que mudaram, estão mais límpidos, vendo mais cores. Abri também meus ouvidos para escutar perguntas e respostas. E minhas mãos? Estas estão aqui escrevendo a PALAVRA que eu tanto sonhei ter e que hoje não é só minha, é nossa!

E por enquanto é só....

4 O casal mágico é Isabel de Los Rios e Luis Carlos Neves, ela venezuelana, ele brasileiro. Meus mestres na Contação de histórias (1990).

5 Os três são Benita Prieto, Celso Sisto, Eliana Yunes (integrantes do Morandubetá).

6 PRALER é na verdade o PROLER, onde fui trabalhar em 1991.

